RELATO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM AULAS DE QUÍMICA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE ITUIUTABA-MG

Gildo Antonio Moura Junior[1], Maria Aparecida Augusto Satto Vilela[2]

[1,2.] Universidade Federal de Uberlândia-UFU/ Faculdade de Ciências Integradas do Pontal - FACIP,
[1]gildoo_moura@hotmail.com, [2]cidasatto@pontal.ufu.br

Linha de trabalho: Experiências e Reflexões do Estágio Supervisionado e de Práticas Educativas

Resumo:

Este trabalho foi realizado na disciplina de Psicologia da Educação no primeiro semestre de 2015. A finalidade era analisar o processo de ensino-aprendizagem e, por isso, selecionou-se uma sala de aula do ensino médio de uma escola pública da cidade de Ituiutaba-MG. Elaborou-se um roteiro de observação para analisar os dois meses de aula e um roteiro de entrevista semiestruturado para a professora. Após os dados coletados, verificou-se que a estagiária enfrentou dificuldades em suas aulas, sendo muitas vezes pouco respeitada pelos alunos que não a viam como figura de autoridade e detentora de conhecimento.

Palavras-chave: Contextualização, Estágio, Ensino de Química.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, proposto na disciplina de Psicologia da Educação do curso de Química da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal-FACIP, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, foi realizado a partir de observações das aulas de Química em uma turma do 1º ano do ensino médio de um Escola Estadual no município de Ituiutaba-MG durante dois meses.

O foco da pesquisa foi a análise da relação dos alunos com a estagiária; e da participação e interesse dos alunos comparando os tipos de aulas observadas, quatro aulas teóricas e duas aulas práticas. Realizou-se também uma entrevista semiestruturada feita com a professora de Química, por meio de um roteiro prévio com 15 perguntas.

Com base no que foi observado, foi possível desenvolver uma discussão sobre a contextualização do ensino de Química e o papel da estagiária na sala de aula.

Os dados coletados foram analisados com base em Tafner (2003) e Martins (1997) dentre outros autores.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo de caso, por meio da análise das aulas de Química em uma escola pública da cidade de Ituiutaba-MG. Foram observadas quatro aulas teóricas e duas aulas práticas de Química, durante o período de dois meses, no ano de 2015, com duração de 50 minutos cada aula, em uma turma de vinte e cinco alunos do 1º ano do ensino médio. Cada aula foi registrada por meio de um roteiro prévio de observação que continha os seguintes itens: Relação aluno-professor, relação aluno-aulas práticas e teóricas e interesse-motivação do aluno pelo conteúdo.

Após as observações, elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturado com 15 questões para a professora com o intuito de compreender seu ponto de vista sobre determinados assuntos observados. Os dados coletados foram utilizados para a análise a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Usando Tafner (2003), Martins (1997) e Santos (2005) como referenciais teóricos foram realizadas análises da relação dos alunos com a estagiária e o uso da experimentação como ferramenta na contextualização do ensino de Química.

A experiência no ensino de Química

A diferença no comportamento do aluno é notável, comparando-se as aulas práticas observadas com as aulas teóricas. O interesse deles se torna mais aguçado nas aulas práticas. Segundo Freire Júnior (2002), o desafio educacional agora deixa de ser a transmissão de conteúdos e se transforma na busca de estratégias capazes de promover certa mudança das estruturas conceituais que os alunos já trazem para a sala de aula, de modo que novos conceitos possam efetivamente compreendidos. E a experimentação pode ser vista no ensino de Química como uma maneira de incorporar os conceitos dessa ciência pelo aluno, e o fazer

possibilita maior relação com seu cotidiano. Logo, a função do educador é de "criar as condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender" (WEISZ, 2002, p. 23).

Em um momento da entrevista, ao ser questionada sobre a compreensão da ciência pelos alunos como parte de seu dia a dia, a professora afirmou que eles "Conseguem quando contextualizamos o assunto" (PROFESSORA, 2015).

A contextualização do ensino é o vínculo do conhecimento a uma origem e uma aplicação prática. O conceito de contextualização entrou em discussão com a reforma do ensino médio, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), que busca a compreensão dos conhecimentos para uso cotidiano. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são guias que orientam a escola e os professores na aplicação do novo modelo, estão construídos basicamente sobre dois eixos principais: a interdisciplinaridade e a contextualização.

A ideia da contextualização requer uma relação muito participativa tanto do professor quando dos alunos, para que possam ser feitas conexões entre os conhecimentos. O aluno deixa de ser apenas expectador e passa a ter papel central, problematizando o seu cotidiano e propondo soluções para o seu meio.

Segundo Tafner (2003, p.1), quando contextualizamos o ensino a interação do aluno com a aprendizagem ocorre de maneira mais eficaz.

> A partir do momento que o educador traz para a sala de aula situações com as quais o educando se identifica, consegue uma das condições fundamentais para o aprendizado: a contextualização e, consequentemente, a interação. E, para que esta última ocorra de maneira eficaz, são imprescindíveis o conhecimento prévio da realidade dos alunos, as estratégias, o preparo e a disposição do educador para produzir níveis condizentes com a realidade que espera os alunos ao saírem do Ensino Médio.

Para isso, cabe ao professor o papel de mediador, em desenvolver situações que envolvam o conteúdo e se refiram à vivência dos alunos, para que possam intervir e participar de modo ativo, e consiga relacionar o conteúdo científico com o seu cotidiano.

A contextualização se torna possível, pois são inúmeros e praticamente inesgotáveis as discussões e contextos de experiências vivenciadas pelos alunos e pela escola, que podem ser utilizados para dar vida e sentido ao conhecimento.

Nessa perspectiva, verifica-se a importância da socialização de diferentes conhecimentos, que é ressaltada por Martins (1997, p. 118):

> [...] acreditamos que o Homem se constitui enquanto tal no confronto com as diferenças; e um dos laboratórios privilegiados para isso é a escola, onde somos reunidos com diferentes realidades e, no conjunto de tantas vozes, acabamos por acordar significados para determinadas coisas que na individualidade de cada um podem ter diversos sentidos.

Em relação ao que ela faz para tratar da ciência aplicada ao cotidiano, a docente disse que "Normalmente são aulas explanativas, mas buscando a participação dos alunos para perceber seus pré-requisitos. Uso livro didático, resumos e esquemas na lousa e, ocasionalmente, aulas demonstrativas com experimentos" (PROFESSORA, 2015).

Ela citou que as aulas experimentais ocasionais são formas eficazes de transposição didática, entendendo que o aluno constrói seu conhecimento a partir da interação dele com o meio. Na experimentação o aluno se torna capaz de observar, intervir e modificar o objeto, assim entendendo como funcionou todo o processo. Segundo Freire (1997), para compreender a teoria é preciso experienciá-la. A realização de experimentos, na área de Química, representa uma excelente ferramenta para que o aluno faça experiências em relação ao conteúdo, e consiga estabelecer uma indissociável relação entre teoria e prática.

No entanto, de forma geral, se percebe um ensino tradicional descontextualizado que se baseia exclusivamente na tentativa da transmissão do conhecimento, o qual tem se mostrado ineficaz para os alunos explicarem, do ponto de vista da ciência, o mundo que os rodeia.

A relação aluno-estagiária

Houve duas aulas no período de observação que foram ministradas por uma estagiária do curso de licenciatura em Química. Foi possível notar que a relação dos alunos com a estagiária se diferenciava da relação com a professora.

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do futuro professor, levando em conta que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e que estejam bem preparados. Ao chegar à universidade o discente se depara com o conhecimento teórico, porém, na maioria das vezes, é difícil relacionar teoria com a prática se o estudante

não vivenciar momentos de experiência em que será preciso analisar o cotidiano (MAFUANI, 2011).

Conforme afirma Santos (2005)

> [...] o Estágio Supervisionado Curricular, juntamente com as disciplinas teóricas desenvolvidas na licenciatura, é um espaço de construções significativas no processo de formação de professores, contribuindo com o fazer profissional do futuro professor. O estágio deve ser visto como uma oportunidade de formação contínua da prática pedagógica.

O estágio é o momento no qual o futuro professor vivenciará a atuação docente e colocará em prática as teorias estudadas. Segundo Pimenta (1999):

> É imprescindível, assim, a imersão nos contextos reais de ensino, para vivenciar a prática docente mediada por professores já habilitados, no caso, os orientadores dentro das universidades em parceria com os professores que já atuam nas salas de aula, essa é a maneira mais efetiva de proporcionar aos estagiários um contato com o ambiente em que irão atuar.

Ao entrar em contato com a sala de aula, a relação professor-estagiário e aluno torna-se, muitas vezes, um tema de grande complexidade, pois existem muitos fatores que fazem parte dessa problemática, influenciando diretamente os principais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

O método de abordagem inicial do estagiário ao chegar na sala, influenciará em suas aulas, e muitas vezes a forma como o estagiário age pode ser reflexo da forma como o aluno o recebe. Um bom diálogo criaria uma relação de afinidade e aceitação, contribuindo para o aluno se sentir mais receptivo e menos inquieto em relação ao estagiário.

Desse modo, é criado um vínculo entre professor-estagiário/aluno, que gera um ambiente de equilíbrio, onde o aluno respeita o professor como autoridade da sala de aula e o professor respeita o aluno como ser humano em fase de formação de conhecimentos e valores. (SILVA; PERES, 2012).

Durante as observações das aulas que a estagiária ministrou, houve muitos conflitos, as aulas não rendiam e os alunos se comportavam mal a todo o momento e questionavam a posição da estagiária enquanto professora, usando falas como “Que matéria que é?” “Não sei nem o que é isso”. A estagiária em vários momentos precisou, de forma particular, questionar as atitudes dos alunos e perguntar o que haviam feito na última aula dela. Era unânime a

conversa, o desinteresse e o descaso. E em todos os momentos ela usou de sua posição enquanto professora apenas para tentar discipliná-los; não foi estabelecido nenhum diálogo amistoso ou outra estratégia que pudesse melhorar o vínculo entre eles.

Em um momento quando a estagiária foi ensinar um conteúdo sobre a história da Química, houve muita algazarra na sala, e os alunos questionaram que "a aula é de Química e não de filosofia", e perguntaram à professora se a estagiária estava certa. Foram muitas as dificuldades da estagiária em relação à sala de aula, mas tendo em vista Silva e Peres (2012, p. 5), "Um dos motivos dessa dificuldade encontra-se pelo fato do estagiário não ter tido mais tempo de contato com a sala de aula antes da realização da regência, e também, é claro pela falta de experiência de docência [..]."

Contudo, no decorrer das aulas essa barreira pode ser quebrada. Se a relação for estabelecida a partir da estagiária, ela pode vir a se tornar de confiança e aceitação, fazendo com que as aulas se desenvolvam de forma mais relevante e produtiva.

CONSIDERAÇÕES

As observações nos possibilitaram perceber, por meio dos estudos realizados e das análises feitas, que as barreiras a serem quebradas pelos estagiários não se resumem ao ensino de Química. Podemos problematizar também o olhar do aluno do ensino médio para a ciência e, desse modo, em uma próxima pesquisa analisar a relação do estagiário de Química e sua tentativa de contextualizar o ensino nas suas regências, criando assim uma prática a ser utilizada em sua carreira docente.

REFERÊNCIAS

FREIRE JUNIOR, O. A relevância da filosofia e da história da ciência para o ensino de ciência. In: SILVA FILHO, W. J. (Org.). **Epistemologia e ensino de ciências**. Salvador: Arcádia, 2002, p.13-30.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário**. Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 22 jul. 2015.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Série Ideias,** n. 28, São Paulo: FDE, 1997. p. 118. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2015

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Helena Maria dos. **O estágio curricular na formação de professores**: diversos olhares. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, GT 8- Formação de Professores, 2005, Caxambu. Não paginado. Disponível em: <www.revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/viewFile/6215>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SOUZA, Maria Darliane Araújo; GONÇALVES, Antonia Evangelina. **Relato de experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado no ensino de ciências em uma escola de educação básica em Itapipoca**. p. 1-6. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/4e0cb6fb5fb446d1c92ede2ed8780188.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

TAFNER, Elisabeth Penzlien. **A contextualização do ensino como fio condutor do processo de ensino e aprendizagem**. p. 1-3. Disponível em: <www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-08.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

VIVAS DE SÁ, Lucas; MESSENDER NETO, Hélio da Silva. **Uma proposta experimental para o ensino do conteúdo de solubilidade**. Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ) UFBA, UESB, UESC e UNEB. Disponível em: <www.portalseer.ufba.br/index.php/anaiseneq2012/article/viewFile/7871/5680>. Acesso em: 22 jul. 2015. p. 1-2.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.